

NOVO PARTIDO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

IstoÉ-Senhor, 23.05.88

A criação de um novo partido com a cisão dos "históricos" do PMDB está prestes a se consumir. A decisão dos governadores e do presidente do partido de manter seu apoio ao governo federal aos cinco anos do presidente Sarney, reafirmada na última reunião dos governadores em Brasília, parece ter colocado um ponto final na questão. Uma parte ponderável dos líderes mais representativos do PMDB está em vias de constituir um novo partido, social-democrata, de centro-esquerda, liberal-progressista, efetivamente comprometido com as bandeiras de democracia e justiça social que durante toda a luta pela redemocratização do Brasil pareciam pertencer ao MDB e depois ao PMDB.

O presidente do partido, Dr. Ulysses Guimarães, e o governador de São Paulo, Orestes Quécia - os dois homens hoje com maior poder dentro do PMDB - ainda poderiam evitar a formação de um novo partido caso decidissem apoiar o rompimento com o governo federal. Parece, entretanto, pouco provável que isto venha a ocorrer. O Dr. Ulysses sabe que esse rompimento poderia também levar à divisão do partido devido ao inconformismo dos seus setores fisiológicos. Por outro lado, coloca como prioridade absoluta de sua ação política o término do trabalho da Constituinte e teme que esse objetivo possa ser colocado em risco caso o PMDB rompa com Sarney. O governador Quécia, por sua vez, entende que se entrar em conflito com o governo federal privará São Paulo das verbas federais. Além disso não é candidato à presidência da República em 1988 mas poderá sê-lo em 1989, quando já terá ultrapassado a metade do seu mandato de governador.

Entendo que cometem um erro ao tomar essa posição. O presidente Sarney, a partir de maio de 1987, quando anunciou à Nação que ficaria cinco anos na presidência, começou a romper sistematicamente o pacto político democrático que, reunindo as forças modernas e progressistas do país, restabeleceu a democracia no país e o conduziu ao poder. Essa decisão conflitava claramente com os compromissos que Tancredo e Sarney assumiram quando foram eleitos pelo Colégio Eleitoral, de forma que a partir dessa decisão do presidente os setores mais democráticos e progressistas começaram a se desligar do governo. O presidente, por sua vez, para fazer valer sua

decisão passou a se aliar com os setores mais retrógrados e parasitários da sociedade e da política brasileira, reinstaurando pouco a pouco o Velho Regime, e a utilizar os recursos do governo de forma explícita para obter apoio parlamentar e dos governadores. Em consequência dessa estratégia e de um conjunto de ameaças veladas, provavelmente ficará os cinco anos que deseja, ao mesmo tempo que sua popularidade baixa a índices inferiores aos do Presidente Figueiredo e que perde todo o apoio da sociedade civil, lançando o país em uma crise de perda de legitimidade política sem precedentes.

Ora, diante desse quadro, mais valeria para o Dr. Ulysses o rompimento do partido pela direita fisiológica do que pela centro-esquerda liberal e progressista; para Quércia mais valeria ser o líder a médio prazo de um grande partido social-democrata, do que ser candidato em 1989 por um partido esvaziado e desmoralizado. O trabalho da Constituinte não será prejudicado caso o PMDB rompa com o governo Sarney, e afinal as verbas que o governo federal têm disponíveis para São Paulo são muito pequenas em comparação com o custo político de obtê-las.

Esta, entretanto, é a minha avaliação. Não foi, até agora, a avaliação do Dr. Ulysses e da maioria dos governadores. Dessa forma, não restará outra alternativa para quem não admite apoiar um governo que nada tem a ver com seus próprios princípios e ideais políticos senão sair do PMDB e fundar um novo partido democrático.